revista gtd energia elétrica

Edição especial SNPTEE

Editora Lumière

ano 5 • ed. 34 • nov/dez 2009 • R$ 9,00

ISSN 1808-9003

Geotecnologias: a experiência do setor elétrico e a necessidade de padronização cartográfica

Smart Grid: Pedro Jatobá fala sobre integração entre telecomunicações e energia elétrica

Gás natural: analistas avaliam a sobra de gás no mercado

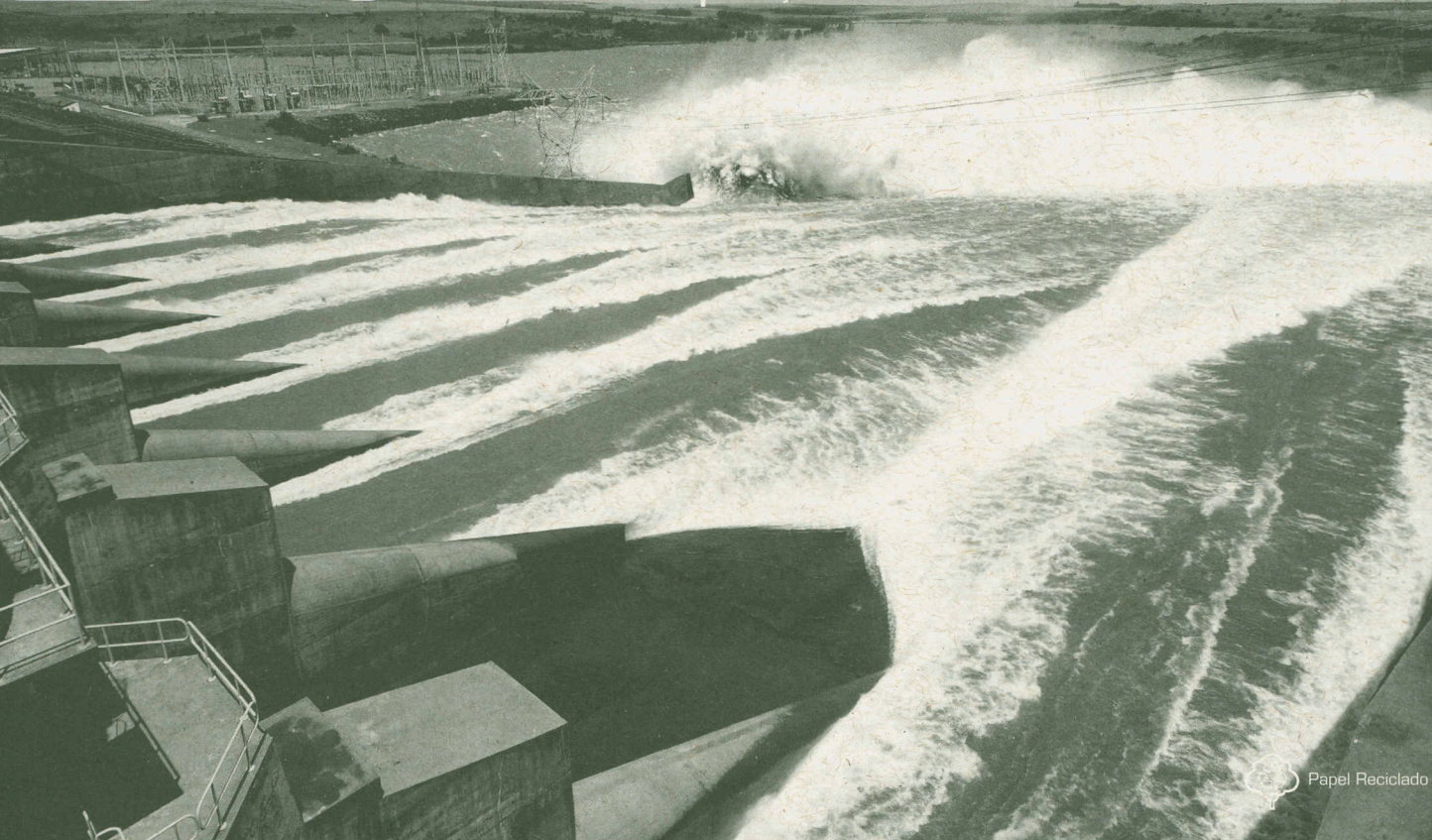
Especial: fios, cabos, sistemas de canalização e acessórios

E mais: artigo técnico vencedor do VIII Simpase, notícias do mercado e reportagens setoriais

edição 34

HORÁRIO DE VERÃO

Mesmo com reservatórios cheios, a medida colabora para operação do sistema

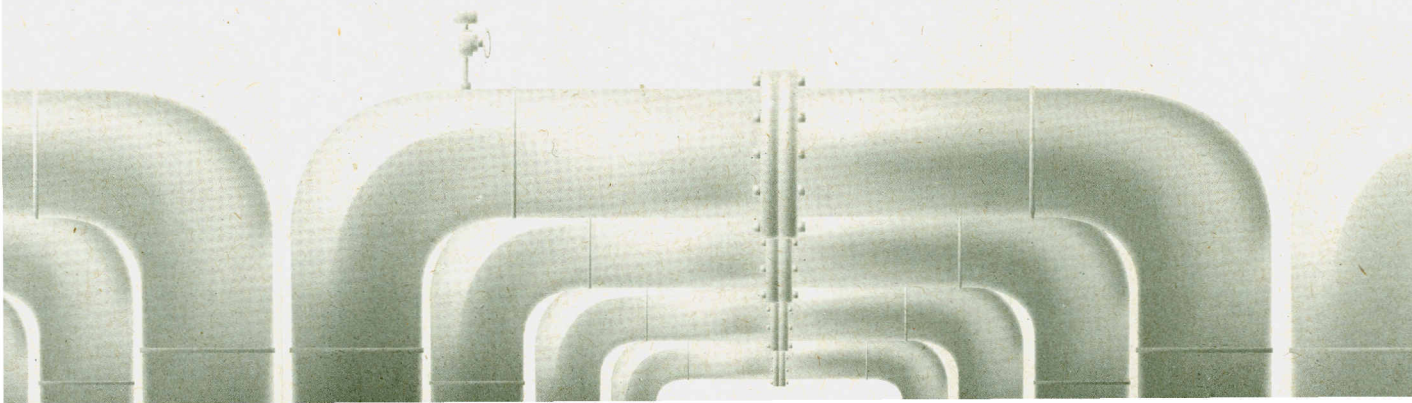


Papel Reciclado

O DESTINO DO GÁS NATURAL

EM DECORRÊNCIA DA DESACELERAÇÃO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL E DA REDUÇÃO DA DEMANDA POR GÁS NATURAL NA GERAÇÃO DE TERMELÉTRICA, A SOBRA DE 9,85 MILHÕES DE M^3/DIA LEVANTA DISCUSSÕES SOBRE NOVOS USOS DO GÁS NATURAL COM A ENTRADA DO PRÉ-SAL

Por Leandro Tavares



Segundo dados do último Boletim Mensal de Acompanhamento da Indústria de Gás Natural do Ministério de Minas e Energia (MME), divulgado em setembro deste ano, no mês de agosto, o mercado de gás natural registrou queda de 2% em relação ao mês de julho, principalmente, em decorrência da redução do consumo pelas termelétricas. Neste segmento, a queda foi de 1,9 milhões de metros cúbicos por dia.

Já a oferta de gás natural ao mercado registrou crescimento em relação ao mês anterior, fechando agosto com 21,12 milhões m³/dia. Apesar da demanda ter apresentando uma recuperação no mês de agosto, principalmente por conta da retomada do consumo industrial, o cenário de perda e queima preocupa especialistas em relação ao futuro do gás natural no Brasil. Hoje, a sobra de gás natural nas plataformas é de 9,85 milhões de m³/dia, enquanto a média do ano passado foi de aproximadamente 6 milhões de m³/dia.

Além da redução da demanda no setor elétrico e por parte da indústria, outro fator preponderante para a sobra do gás é o alto preço. "As indústrias que são movidas a bicombustível preferem, neste momento, queimar óleo combustível porque o preço é mais barato se comparado ao gás", analisa a sócia-diretora da Gas Energy, Sylvie D'Apote.

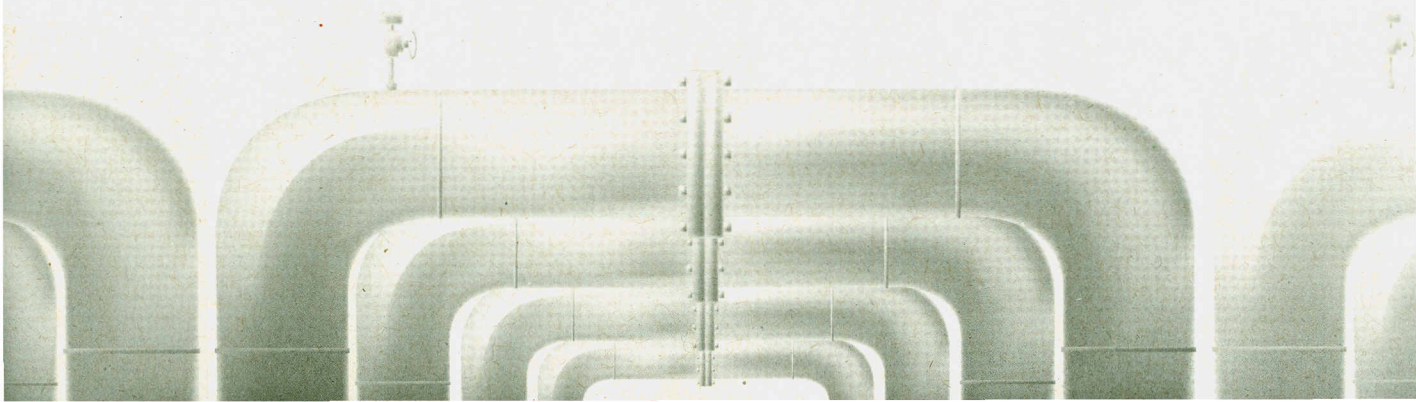
Os especialistas do setor alertam para o fato de que antes mesmo da entrada do pré-sal, haverá entrada de novos campos de gás associado e não associado. Com isso, automaticamente a demanda aumentará. Além disso, existe a necessidade de encontrar uma forma de usar esse gás antes de 2015, data prevista para entrada do pré-sal. No cenário atual, uma das saídas é aumentar a demanda nos setores industriais, termelétrico e automotivo.

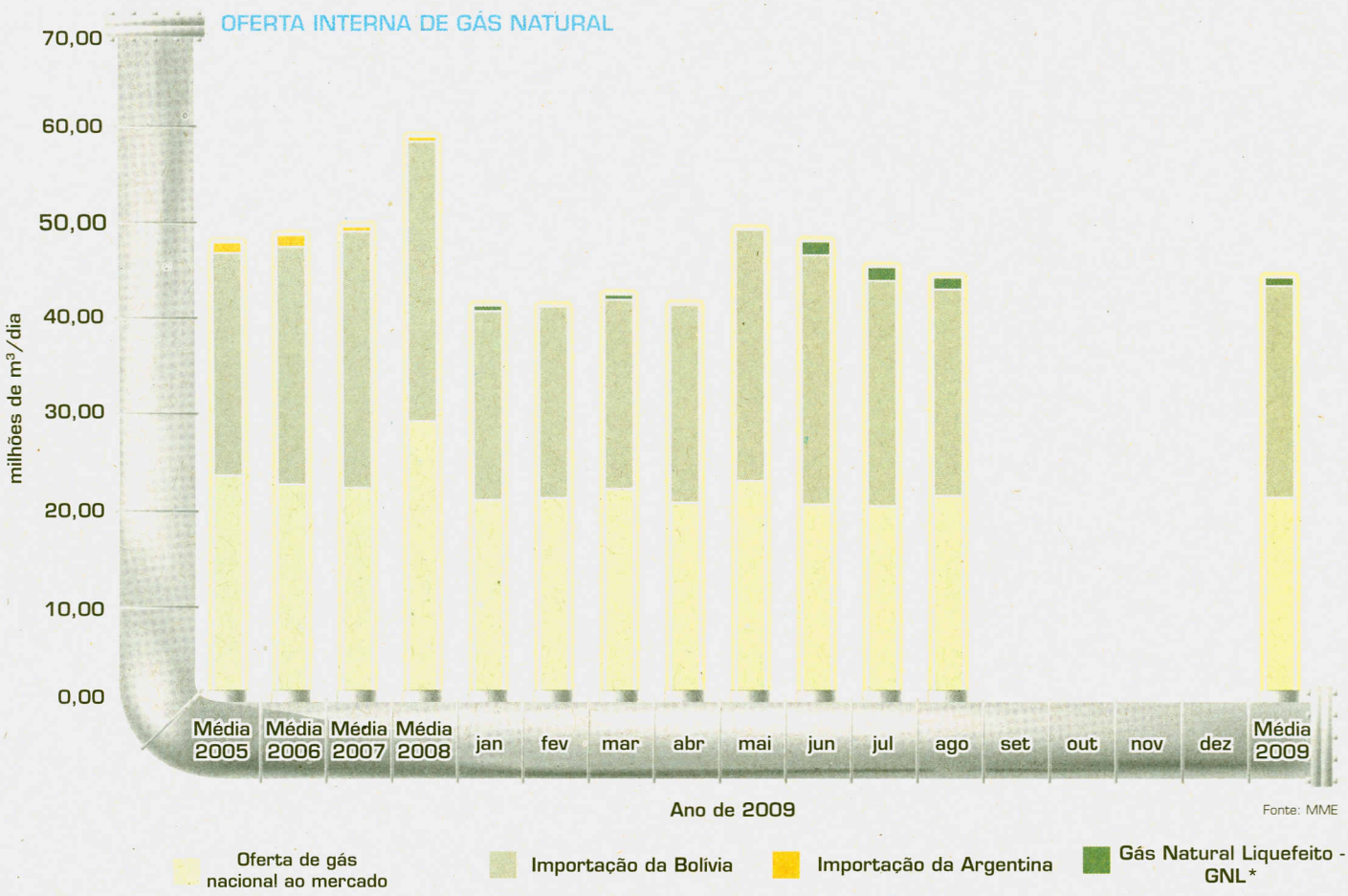
No setor industrial, existe a possibilidade de substituição do óleo combustível e do gás liquefeito de petróleo (GLP) para o gás natural, caso haja uma rede de distribuição de gás que atinja o cliente potencial a um preço mais competitivo.

No setor elétrico, as térmicas a gás natural são despachadas sem programação, para manter o equilíbrio e a segurança da oferta, quando o Operador Nacional do Sistema (ONS) avalia a necessidade de complementar a energia proveniente dos reservatórios hidrelétricos. Ou seja, o gás é usado apenas como complemento emergencial. "O que pode aumentar o consumo de gás nesse setor é a mudança das regras que, por exemplo, possa estabelecer um despacho com base em um certo percentual de tempo para as térmicas a gás", comenta D'Apote sobre a necessidade de um despacho programado.

D'Apote explica ainda que o despacho das térmicas a gás natural no Brasil hoje é muito baixo, ou seja, o que uma térmica a gás gera é instabilidade de demanda e "dor de cabeça" para os produtores. "Eles querem uma demanda estável, mas essa variação que existe no setor elétrico brasileiro, em consequência das térmicas que operam quando não temos energia hidrelétrica suficiente, é um problema muito grande que afeta os investimentos no setor", avalia D'Apote.

Para o coordenador de energia da Associação Brasileira dos



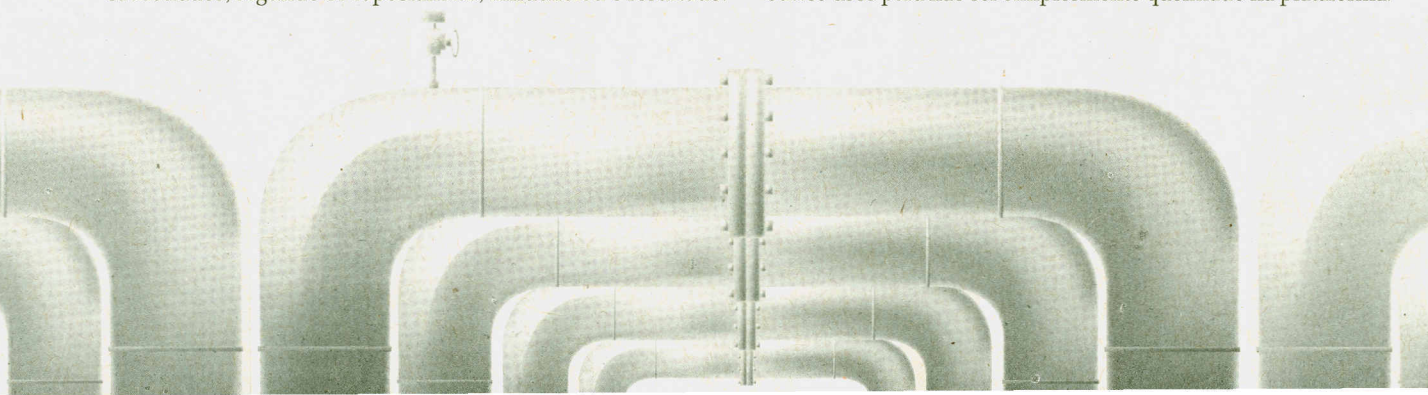


Investidores em Autoprodução de Energia (ABIAPE), entidade que recentemente mudou o nome da associação com o objetivo de abranger os interesses dos associados investidores em gás natural, Tiago G. Leite Ferreira, uma outra alternativa para mudar esse cenário é fazer leilões. "Fazer mais leilões, a princípio, é uma boa saída, mas os prazos dos contratos têm que ser mais longos", diz.

No leilão A-3, realizado em agosto deste ano, foram cadastrados 25 projetos. Desse total, 1.175MW ou cerca de 52% dos projetos foram de térmicas a gás natural. Porém, nenhuma das sete térmicas cadastradas foi arrematada. A baixa competitividade das térmicas em relação aos outros empreendimentos cadastrados, segundo os especialistas, influenciou o resultado.

Na opinião dos especialistas, outro fator que diminui a inserção do gás natural na matriz energética é o modelo estruturante do SEB. Segundo o professor do Instituto Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo (IEE/USP) e co-responsável pela Cátedra do Gás, Edmílson Moutinho, o modelo conduz a uma matriz energética mais suja. "Eu nunca fui favorável a priorizar o uso termelétrico do gás. Primeiro é preciso usá-lo para substituir mal usos no consumo de eletricidade nesse País, por exemplo, em eletrotermia", cometa Moutinho.

De qualquer maneira, Moutinho explica que é necessário usar o gás para gerar eletricidade, pois o gás do pré-sal terá que encontrar outros usos para não ser simplesmente queimado na plataforma.



COMISSÃO DE MINAS E ENERGIA AVALIA CRIAÇÃO DE GRUPO DE ESTUDO SOBRE GÁS NATURAL

A Comissão de Minas e Energia (CME) da Câmara dos Deputados está analisando um projeto para a criação de um grupo de estudo que analisará o mercado de gás natural no País. O relator do projeto é o deputado federal, Bernardo Ariston (PMDB/RJ).

"Em um evento da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), no ano passado, fui convidado para palestrar a respeito do gás natural. Após a palestra, membros da mesa e da Firjan sugeriram criar um grupo de estudo para analisar a regulamentação da Lei do Gás e o preço do gás de forma aprofundada", disse Ariston.

Atualmente, a comissão conta com a participação de cinco deputados. O próximo passo é chamar técnicos e especialistas do setor para complementar o grupo. "É importante termos, dentro do grupo, especialistas e técnicos do setor para fazer a análise dos estudos com mais clareza", diz Ariston. A previsão é que o projeto seja aprovado até o fim do ano.

Para os analistas do setor, a criação dessa comissão é importante para que as decisões tomadas não sejam referentes a apenas um player, no caso, a Petrobras.

O professor da USP Edmílson Moutinho disse não ter conhecimento do grupo, mas acredita que a iniciativa possa ser uma das

"EU NUNCA FUI FAVORÁVEL A PRIORIZAR O USO TERMELÉTRICO DO GÁS. PRIMEIRO É PRECISO USÁ-LO PARA SUBSTITUIR MAL USOS NO CONSUMO DE ELETRICIDADE NESSE PAÍS, POR EXEMPLO, EM ELETROTERMIA"

EDMÍLSON MOUTINHO, PROFESSOR DO INSTITUTO ELETROTÉCNICA E ENERGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (IEE/USP) E CO-RESPONSÁVEL PELA CÁTEDRA DO GÁS

ESTUDO DO GESEL/UFRJ APONTA A NECESSIDADE DE ALTERAR FORMAS DE CONTRATAÇÃO DO GÁS NATURAL NO SETOR ELÉTRICO

O estudo entitulado "O Gás Natural no Setor Elétrico Brasileiro: A Superação de Entraves Contratuais", apresentado em setembro, concluiu que a forma de contratação de gás natural por disponibilidade no setor elétrico, não permite que as termelétricas que utilizam esse combustível participem dos leilões com preços mais competitivos, respeitando a mocidade tarifária.

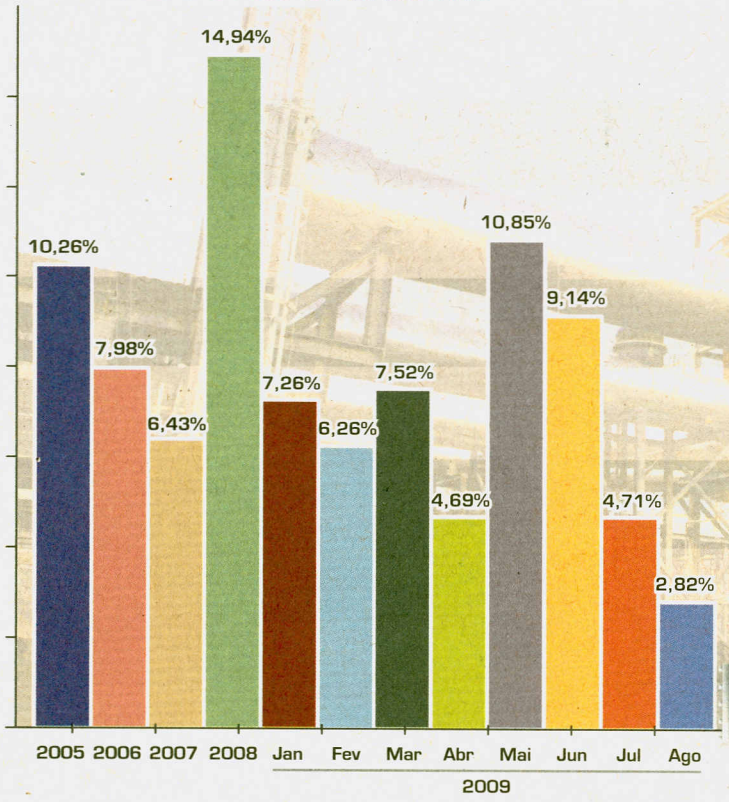
A autoria do estudo é do coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Gesel/UFRJ), Nivalde de Castro e do pesquisador do Gesel/UFRJ, Raul Timponi.

Segundo Timponi, o ideal seria fazer contratos por quantidade de gás, pois o setor elétrico brasileiro passa por uma mudança estrutural na matriz energética de hidrelétrica para hidrotérmica. "A mudança se deve porque cada vez menos se introduz empreendimentos hidrelétricos com capacidade de armazenamento de água. Além disso, terá mudança quantitativa de oferta de gás, principalmente a partir do pré-sal, ou seja, o setor elétrico necessita de uma energia complementar a hidrelétrica", diz.

O estudo avalia que só com a mudança nas condições de despacho e contratação, será possível aumentar o uso do gás natural pelo setor elétrico. A exigência de manter uma reserva (stand by) de gás natural de 29Mmcd para as termelétricas é apontada como o maior entrave nesse cenário. O trabalho ainda destaca que nos leilões de energia nova, as termelétricas apresentam um custo variável unitário alto, inviabilizando a modicidade tarifária.

Para acessar o estudo na íntegra acesse:
www.provedor.nuca.ie.ufrj.br

CONSUMO DE GÁS PELO SETOR ELÉTRICO



Fonte: MME

principais contribuições para a discussão energética brasileira.

Já o coordenador de Energia da Abiape, Tiago Ferreira, diz que a associação já fez contato com o deputado para participar do grupo, mas nada foi acertado.

O diretor executivo da Associação Brasileira de Geração Flexível (Abragef), Marco Antônio Veloso, disse que a associação não tem conhecimento do grupo de estudo, mas que está sempre em conversa com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e Operador Nacional do Sistema (ONS) a respeito da conversibilidade das térmicas a óleo combustível para o gás natural.

A sócia-diretora da Gás Energy, Sylvie D'Apote, não tem conhecimento do grupo, mas considera a iniciativa importante para descentralizar a decisão em relação ao preço e ao domínio do mercado pela Petrobras.

ESPECIALISTAS AVALIAM QUE ENTRADA DO PRÉ-SAL PODERÁ ALAVANCAR NOVOS EMPREENDIMENTOS

Segundo o Governo Federal, com a entrada do pré-sal em 2015 seremos auto-suficientes em gás natural. Para alguns analistas, esse cenário será bom para o desenvolvimento do País, mas nem tanto para o desenvolvimento regional da América do Sul.

"Do ponto de vista do nacionalismo é muito importante, porém no que diz respeito ao equilíbrio regional seria catastrófico se o Brasil for buscar a autossuficiência e mandar a Bolívia para o espaço. O que eles vão fazer com o gás?", comenta o professor da USP Edmílson Moutinho.

Moutinho ressalta ainda que haverá pressões para privilegiar o uso do gás que sairá daqui a partir do pré-sal e que, com isso, o corte no suprimento boliviano será maior

ABRACE LANÇA CARTILHA DO GÁS NATURAL PARA OS ASSOCIADOS

A Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace) lançou no dia 27 de outubro a Cartilha do Gás Natural. No documento, é possível encontrar informações sobre todas as etapas de exploração, produção e consumo do gás natural. A cartilha foi elaborada pela equipe de energia térmica da Abrace com base em informações divulgadas pelo setor.

Além disso, o trabalho apresenta os conceitos e as regras do segmento, dados sobre como se tornar um consumidor livre e detalhes sobre a Lei do Gás. No campo da exploração, é possível encontrar todo o processo, desde a perfuração dos campos até o modo como é feita a separação do petróleo. Em relação à produção, encontra-se dados referentes à evolução das reservas, números de cada Estado produtor de 1998 a 2008, entre outros.

Na cartilha pode-se encontrar também a forma como é feito o transporte do gás, a distribuição e o armazenamento.

A cartilha completa pode ser encontrada no site www.abrace.org.br

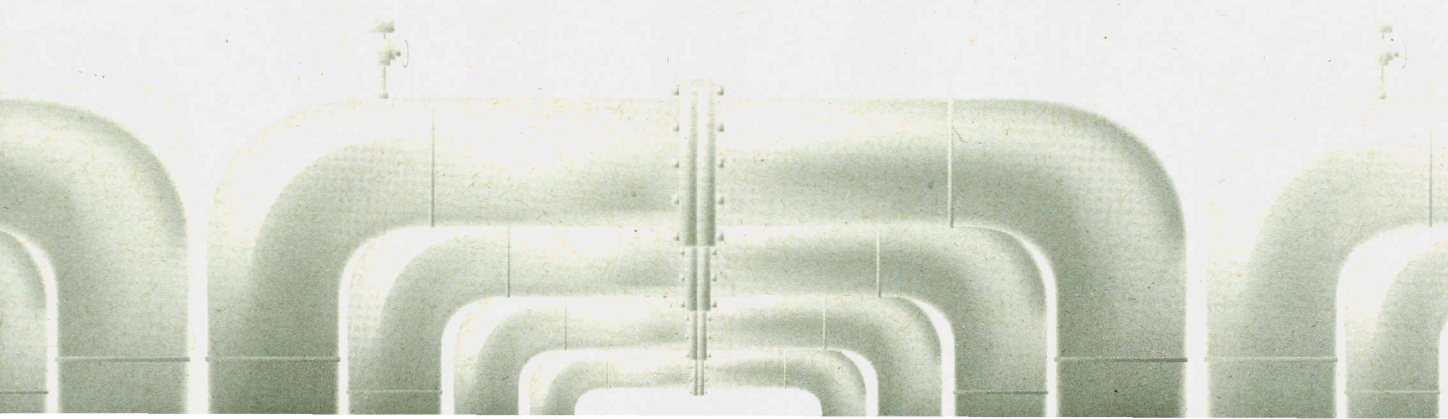
na medida em que a queima na plataforma aumentar. Ele defende que o contrato seja mantido e renovado.

Já outros analistas dizem que a entrada do pré-sal poderá incentivar a construção de novos empreendimentos no setor.

Para o presidente do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Geração Flexível (Abragef), Luiz Alberto M. Amoroso, a entrada do pré-sal poderá estimular a construção de novas térmicas a gás natural no País, desde que o preço seja mais competitivo. "A maior oferta de gás natural a preço competitivo favorecerá a opção por esse combustível. Temos que considerar a questão da segurança do suprimento, a vigência dos contratos por disponibilidade que é de 15 anos e a experiência histórica que sinaliza para ciclos de fartura versus escassez de gás em torno de seis anos. Ou seja, a solução biocombustível daria maior garantia para o fornecimento de energia elétrica", analisa.

PRODUTORES DE GÁS NATURAL ESTUDAM A POSSIBILIDADE DE CRIAR UMA OPEP PARA O SETOR

A regulação do mercado de gás natural também é discutida em outras partes do globo. Além do Brasil e das relações bilaterais com a Bolívia, países líderes na produção do gás natural como Irã, Rússia, entre outros, avaliam a criação de uma organização de produtores do combustível, nos moldes da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). O grupo regulará o mercado e o preço do gás natural, entre outras questões.

A sócia-diretora da Gás Energy, Sylvie D'Apote participou do 1º Fórum Ministerial do Gás, em Viena (Áustria), em novembro do ano passado, onde os produtores discutiram as possibilidades de criação da organização. Entretanto, D'Apote avalia que os produtores não têm objetivos claros. No caso do petróleo a produção é regulada para poder também regular o preço, mas no caso do gás a situação é mais complexa.

"Por exemplo, a Bolívia produziu um gás bom para exportar para o Brasil. Aí, a Bolívia decide de um dia para o outro não exportar esse gás ou cortar pela metade as exportações para fazer subpreço. Isso não é possível no gás. Por isso que a organização tem que ter objetivos claros", avalia D'Aporte. ■